

TERRA, PROMESSA DE DEUS
E CONQUISTA DO Povo

O Livro do *Êxodo* narra a epopeia da conquista da Terra Prometida. Conforme o relato, os israelitas foram subindo do Sul, a partir do Egito e, aos poucos, ocuparam a região chamada Palestina, onde hoje vivem os israelenses e jordanianos. O texto-base da Campanha da Fraternidade/86 nos diz o seguinte: "Uma leitura fundamentalista da Bíblia poderia interpretar esta conquista como invasão e grilagem dos israelitas contra moradores já estabelecidos. A conquista de Canaã à luz de estudos históricos deve ser compreendida, na maioria dos casos, como ocupação pacífica de terras substancialmente desocupadas; e, em outros, como uma rebelião de pobres e sem terra contra os cananeus que os oprimiam.

Um exemplo de como a tradição bíblica inclui o respeito à terra dos outros povos encontra-se em Deuteronômio 2,4-9, onde se relata como as tribos, que deram origem a Israel, atravessaram os países da Transjordânia, respeitando totalmente a terra alheia, os frutos e a água, pagando o que consumiam, por ordem do Senhor.

Neste tempo da conquista da terra, algumas tribos tinham, como rito de ano novo, um sorteio de terras (cf. Números 26,53-56; 36,2; Josué 14,12). Através dessa prática, procurava-se revisar, a cada ano, a questão da concentração de propriedades obtidas em pagamento de dívidas, por heranças inesperadas ou casamentos. As leis de Deus surgidas nessa época constituíram-se como um código de justiça agrária (cf. *Êxodo* 20-23).

As leis que mais tarde foram escritas, especialmente a oficialização do ano sabático e o projeto maior do jubileu, eram uma tentativa de defender o direito dos pequenos lavradores e da propriedade relativa da terra (cf. *Levítico* 25; *Deuteronômio* 15). O ano sabático tinha por finalidade, a cada sete anos, o descanso da terra, para recuperar sua produtividade e o justo descanso para os trabalhadores. O ano jubilar, celebrado a cada 50 anos, além do descanso da terra e do homem, exigia — ao menos em princípio e como programa — a emancipação dos escravos e a devolução de todas as terras adquiridas nos últimos 50 anos.

LINHAS PASTORAIS

RECONCILIEM-SE

• Sem nos darmos a devaneios fantásticos, temos de admitir que na força do grande e único conciliador e reconciliador — que é Jesus Cristo ressuscitado — poderemos ser ministros da reconciliação, da restauração (cf. Ef 1,10), da "utopia" cristã do paraíso, que, em aspectos parciais, já se pode realizar neste mundo de coisas imperfeitas como sinal da perfeição final, da "utopia" total que em Cristo nos é garantida.

• Neste contexto vale a pena lembrar a grandiosa visão de Paulo, visão que se tornará realidade graças a Jesus Cristo, mas com a nossa participação, já que somos colaboradores de Deus (cf. 1Cor 3,9; 6,1):

• "Foi ele (Jesus) que a uns constituiu apóstolos, a outros profetas, ou ainda evan-

Isto impedia o acúmulo de riquezas nas mãos de alguns e evitava a exploração dos pequenos proprietários e assalariados. Do ponto de vista religioso, estas duas instituições lembram que tudo pertence a Deus e nós somos apenas administradores da terra e dos bens: "A terra não será vendida perpetuamente, pois que a terra me pertence e vós sois para mim estrangeiros e residentes temporários" (Levítico 25,23).

Quando Israel se organizou em forma de monarquia e, ainda mais, depois que o Reino de Davi e Salomão foi dividido em dois, os tributos se tornaram cada vez mais elevados. Parcelas significativas das colheitas eram entregues ao Estado (cf. *Reis* 4-5). Este requisitava os camponeses para o trabalho forçado (cf. *1Reis* 9,15-24; 11,28). Os lavradores empobreceram. Alguns foram expulsos de suas heranças (cf. *1Samuel* 8,14-15; *1Reis* 9,10-14; 21). Inclusive surgiram tendências para o latifúndio. Fez-se ouvir, então, sobre o assunto, a palavra do Senhor.

Vários profetas de Deus, ligados ao mundo rural, como Elias, Eliseu, Amós e Miqueias, elevaram a voz protestando contra o latifúndio e a extorsão (cf. *1Reis* 21; *Miqueias* 2,1-2), os altos dízimos e tributos (cf. *Miqueias* 3,1-4), a exploração e o empobrecimento dos pequenos proprietários (cf. *Amós* 2,6-7; 3,10; 5,11). Mesmo os profetas de origem urbana, como Isaías, várias vezes levantaram a voz sobre os problemas da terra: "Ai dos que juntam casa a casa, dos que acrescentam campo a campo, até que não haja mais espaço disponível, até serem eles os únicos moradores da terra" (*Isaías* 5,8-10). Lendo os relatos da Bíblia, parece que estamos vendo a situação das terras, no Brasil de hoje. Os poderosos se apossando de tudo e o povão cada vez mais chutado para esconderijo. Leis aparentemente boas, mas usadas só como disfarce da usura dos grandes. Todos embarcados num projeto que leva o nome de cristão, mas que é tocado em frente por impulsos pagãos e materialistas. E a saída? A saída está em o povo oprimido escutar novamente a convocação libertadora de Deus e unir-se. A união organizada dos oprimidos será sempre sua única via de libertação, pois é isso que a Bíblia nos ensina. (F.L.T.)

IMAGEM
POLÍTICO-
PARTIDÁRIA

1. Quando chegou o novo padre, dona Sabina exultou: Afinal um padre! Um padre como S. Miguel quer. E apertava os lábios, acompanhando com o gesto autoritário de cabeça, cara, busto, corpo e alma: Enfim! Fora uma luta sem tréguas, cinco anos, com um padre de opereta que resumia toda a paróquia em coraizinhos, em grupinhos de teatro, em movimentos jovens, em movimento operário, em abaixo-assinados por qualquer besteira. Uma desgraça de cinco anos. Mas S. Miguel Arcanjo e dona Sabina venceu. Quem como Deus?

2. Depois, vem um padrezinho de passeata, todo fagueiro, todo risonho, todo circulante, todo bem falante e cantante. Como acabou? Nem lhe digo. Lutamos três anos, S. Miguel e eu. Sabe? no fim do terceiro ano de luta, apaixonou-se pela raposa alada — a tal Gaby dos Galindos, uma descarada, e lá se foram pelo mundo afora na cavalgada da descarcação. Não, não me arrependo da campanha de nossa irmandade. Com S. Miguel Arcanjo não se faz arranjo. Ou se vive a fé ou se dá com o pé. Quem como Deus?

3. Bem, o que vem agora? Dizem que o sr. Núncio interferiu, com aquele jeitinho dos santos que são sempre bons diplomatas: que seria conveniente, depois dos anteriores, escolher bem, o melhor, o ótimo, um padre santo e piedoso, que conserva a Tradição da Igreja, que não se mete em política, que só cuida das coisas santas, das coisas espirituais, que respeita as irmandades e associações, que trabalha com as pessoas de respeito. Sim, graças ao poderoso S. Miguel Arcanjo e a dona Sabina. Quem como Deus? (A.H.)

gelistas e pastores e doutores, para o aperfeiçoamento dos santos, em ordem ao desempenho do ministério, a fim de edificarem o corpo de Cristo, até que atinjamos todos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, o estado de homem feito, a medida da plena idade de Cristo" (Ef 4,11-13).

• A formidável e extraordinária, total e real "utopia" ou "paraíso" que Deus nos revela pelos patriarcas e profetas, mas sobretudo por Jesus Cristo — a "utopia" que é também reino de Deus, reino dos céus, reino do Pai, reino de Cristo ou simplesmente reino — será realizada, com toda a certeza, na hora de Deus, na plenitude dos tempos (cf. Ef 1,10).

• A Páscoa, que tem no seu mistério total, o mistério da Cruz e o mistério da Ressurreição, pode ser considerada o grande ministério da reconciliação.

• A humanidade é reconciliada com Deus. Os irmãos são reconciliados uns com os outros. Cada um de nós reconcilia-se consigo mesmo. Graças a Jesus Cristo, o grande reconciliador.

• Em Jesus Cristo está o fundamento sólido de toda a reconciliação, de toda a vitória sobre o pecado pessoal ou social, está o fundamento da esperança que temos de viver um mundo melhor, mais conforme com o plano e a vontade de Deus, mais marcado de amor fraterno. (A.H.)

2º DOMINGO DA PÁSCOA (06-04-1986)

A = Animador; C = Comentador; L = Leitor; MC = Ministro da Comunhão;
S = Sacerdote; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa da Páscoa, série "A CAMINHO DO PAI", 2B; Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



Cristo ressuscitou, aleluia! Venceu a morte com amor! (bis) Aleluia!

1. Tendo vencido a morte o Senhor ficará para sempre entre nós / para manter viva a chama do amor que reside em cada cristão a caminho do Pai.
2. Tendo vencido a morte o Senhor nos abriu um horizonte feliz, / pois nosso peregrinar pela face do mundo terá seu final na morada do Pai.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. P. Amém!
S. A graça e a PAZ de Deus, nosso Pai; o Amor de nosso Senhor Jesus Cristo, nosso irmão, e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.
P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo e dos irmãos!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Estamos vivendo em tempo de PÁSCOA. Tempo de Vida Nova em Jesus Cristo. E a Liturgia, que hoje celebramos, é para nós fonte onde buscamos alimento e força para lutar contra todo tipo de pecado. Que nosso entusiasmo atraia muita gente para Cristo. Que a perseguição que sofremos, por causa do Reino, não nos afaste do caminho da PAZ, que Cristo veio trazer para o mundo.

4 ATO PENITENCIAL

(Na Celebração da Palavra pode ser feito depois das leituras).

S. Irmãos, divulgar os ensinamentos de Cristo e lutar pela construção do Reino não é fácil. Principalmente se nos falta fé e perseverança para assumir a causa dos pobres. Peçamos perdão a Deus por não carregar a Cruz de Cristo. E reconheçamos os nossos pecados para celebrar com dignidade os santos mistérios. (Pausa para revisão de vida).
S. Senhor, vós sois o Caminho que nos conduz ao Pai, tende piedade de nós.
P. (canta): Piedade, piedade, piedade de nós!
S. Cristo, vós sois a Verdade que ilumina os povos, tende piedade de nós.
P. (canta): Piedade, piedade, piedade de nós!
S. Senhor, vós sois a Vida que renova o mundo, tende piedade de nós.
P. (canta): Piedade, piedade, piedade de nós!
S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza, pelos caminhos da Paz, até à vida eterna.
P. Amém!

5 GLÓRIA

Glória, Glória nas alturas! Paz e amor na terra aos homens! Dêem-vos Glória criaturas! Dêem-vos graças e louvores!

1. Nós vos louvamos, ó Criador! Vos bendizemos por vosso amor!
2. Nós vos louvamos, Senhor Jesus! Vos aclamamos por vossa Cruz!
3. 'Spírito Santo Consolador! Vós que dais vida e sois Senhor!

6 COLETA

(Após as intenções da Celebração...).

S. Oremos: O Deus de eterna misericórdia, reacendeis em nosso povo a fé. Fazei que, renovados pela Páscoa de vosso Filho Jesus, compreendam melhor o Batismo que nos la-

vou, o Espírito que nos deu Vida e o Sangue que nos remiu de todo pecado. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

(As leituras podem ser dramatizadas).

7 PRIMEIRA LEITURA

C. A cada sinal ou prodígio realizado pelos Apóstolos, aumentava o número dos que aceitavam o Senhor. Era assim com os primeiros cristãos e deve ser assim também nos dias de hoje.

L. Leitura dos Atos dos Apóstolos (5,12-16). — Muitos sinais e maravilhas eram realizados entre o povo pelas mãos dos apóstolos. Todos os fiéis se reuniam, com o mesmo objetivo no Pórtico de Salomão. Ninguém dos outros se atrevia a ficar no meio deles, mas o povo todo os elogiava muito. Multidões cada vez maiores de homens e de mulheres aderiam ao Senhor, pela fé. Chegaram mesmo a transportar os doentes em camas e esteiras para as praças, a fim de que, quando Pedro passasse, pelo menos a sua sombra caísse sobre algum deles. A multidão vinha até das cidades vizinhas de Jerusalém, trazendo doentes e pessoas possuídas de maus espíritos. E todos eram curados. — Palavra do Senhor.

— P. Graças a Deus!

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl 117)

C. Se eterna é a misericórdia de nosso Deus, cantemos o seu amor e nos comprometamos a viver segundo a sua vontade.

P. (canta): Eis o dia que o Senhor fez. Dia de vitória e alegria!

1. A casa de Israel agora o diga: / "Eterna é a sua misericórdia!" / A Casa de Aarão agora o diga: / "Eterna é a sua misericórdia. / Os que temem o Senhor agora o digam: / "Eterna é a sua misericórdia!"

2. A pedra que os pedreiros rejeitaram, / tornou-se a pedra angular. / Pelo Senhor é que foi feito tudo isso: / Que maravilhas ele fez a nossos olhos. / Este é o dia que o Senhor fez para nós, / alegramo-nos e nele exultemos!

3. O Senhor, dai-nos a vossa salvação, / ó Senhor, dai-nos também prosperidade! / Bendito seja o nome do Senhor / aquele que em seus átrios vai entrando! / Desta casa do Senhor vos bendizemos. / Que o Senhor e nosso Deus nos ilumine!

9 SEGUNDA LEITURA

C. Movido pelo Espírito Santo João pode ouvir a voz do Senhor e enviar sua mensagem ao mundo. Nós também podemos ouvir essa voz, se nos colocarmos a seu serviço.

L. Leitura do livro do Apocalipse de São João (1,9-11a.12-13.17-19). — Eu sou João, vosso irmão e companheiro da tribulação, no reino e na perseverança em Jesus. Eu estava na ilha de Patmos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus. No dia do

Senhor, eu fui movido pelo Espírito e ouvi atrás de mim uma voz forte, como de trombeta. A voz dizia: "O que você vai ver, escreve num livro". Então voltei-me para ver a voz que falava. Ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro. No meio dos candelabros vi alguém semelhante a um Filho de Homem, vestido com uma túnica comprida e com uma faixa de ouro amarrada no peito. Ao vê-lo, caí a seus pés como morto. Ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: "Você não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. — Aquele que vive. Estive morto, mas eis que estou vivo para todo o sempre. Eu tenho a chave da morte e da região dos mortos. Escreve, portanto, o que você viu: aquilo que está acontecendo, e o que vai acontecer depois disto". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO

Aleluia! Aleluia! Aleluia!

1. O Cristo nossa Páscoa foi imolado / celebremos pois a festa com alegria.

2. Demos graças ao Senhor, pois ele é bom / porque eterno é seu amor.

11 EVANGELHO

C. Oito dias depois de sua ressurreição, Jesus volta e fala aos seus apóstolos: "A paz esteja convosco". Que a Palavra de Jesus possa ser vivida por nós neste tempo de guerras e violências entre os povos.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João (20,19-31). P. Glória a vós, Senhor!

N. Ao anotecer daquele primeiro dia da semana, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo dos Judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: S. A paz esteja com vocês! N. Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por verem o Senhor. Jesus disse novamente: S. A paz esteja com vocês! Como o Pai me enviou, assim também eu envio vocês. N. Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: S. Recebam o Espírito Santo! Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados. N. Tomé, chamado Gêmeo, que era um dos Doze, não estava com eles quando Jesus chegou. Os outros discípulos disseram: P. Vimos o Senhor! N. Tomé disse: L. Se eu não vir a marca dos pregos em suas mãos, se eu não puser o meu dedo na marca dos pregos, e se eu não puser a minha mão no lado dele, eu não acreditaréi! N. Oito dias depois, os discípulos estavam reunidos novamente. Desta vez, Tomé estava

com eles. Estando fechadas as portas, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: S. A paz esteja com todos vocês! N. Depois disse a Tomé: S. Ponha o seu dedo aqui e veja as minhas mãos. Estenda a sua mão e toque no meu lado. Não seja você incrédulo, mas tenha fé! N. Tomé, respondendo, disse a Jesus: L. Meu Senhor e meu Deus! N. Jesus lhe disse: S. Você acreditou porque me viu. Bem-aventurados os que creram sem ter visto! N. Jesus realizou muitos outros sinais diante dos discípulos e que não estão escritos neste livro. Estes sinais foram escritos para que vocês acreditem que Jesus é o Cristo, Filho de Deus. E para que, crendo, vocês tenham a vida em seu Nome. — Palavra da Salvação — P. Louvor a vós, ó Cristo!

12 PREGAÇÃO — PARTILHA

(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

1. Que sinais e maravilhas nossa comunidade realiza, e que despertam a fé nas pessoas que vivem longe de Deus? 2. O que falta entre nós para acender nos outros a fé no Cristo Ressuscitado? // 3. Nossa comunidade, ou algum de nós, já sofreu perseguição por pregar e praticar a sua fé? // 4. Quando é que nós agimos como Tomé? 5. Por que tanta gente corre atrás de curas e milagres por aí, se “bem-aventurado é quem crê sem ter visto”? 6. O que precisa mudar para que a Paz do Senhor chegue ao mundo neste Ano Internacional da Paz?

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso. P. Criador do céu e da terra...

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. No Dia do Senhor é dirigida também a nós a palavra que ilumina e aquece, que questiona e conforta. Encorajados pela força e atuação do Cristo, o Filho do Homem e Senhor da Glória, rezemos a Deus Pai. L1. Pelo papa, pelos bispos e sacerdotes, para que em meio a seus irmãos falem e ajam com a força do Espírito que receberam por seu ministério, rezemos ao Senhor:

P. Dai-nos, Senhor a vossa vida!

L2. Pelos doentes no corpo e no espírito, para que vejam em nós amigos e irmãos, e sintam nossa dedicação para melhorar suas condições de saúde, rezemos ao Senhor:

L3. Pela nossa comunidade, para que os gestos que fazemos, especialmente o abraço da paz, sejam sinais verdadeiros, embora imperfeitos, de tudo o que nos propomos fazer em favor da PAZ, da justiça e do amor, rezemos ao Senhor:

(Outras intenções espontâneas da comunidade...).

S. Pai nosso e de todos os homens, ouvi as aspirações de toda a humanidade, que sobem até vós, através destes nossos pedidos. Ouvinos por Cristo nosso Senhor. P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS

(Pode-se trazer símbolos de paz: pombo, bandeira branca, frases: “A PAZ é fruto da Justiça”. “Jesus é o Príncipe da Paz”...).

1. Vendo Jesus aparecer e com eles vir comer, explicando a Paixão, / todos entendem que

o Senhor está vivo e, por amor, os envia em missão.

Ressuscitado, o Cristo apareceu; com seus amigos fez a refeição; / e dando a paz, mandou anunciar o amor de seu Pai, em toda a nação.

2. Hoje também, na refeição, revivemos a Paixão e a vitória da Cruz / Vinho e pão sobre o altar servirão pra anunciar: “Deus nos salva em Jesus!”

* ORAÇÃO DE LOUVOR

(Se não houver Missa)

— (Pode-se expor o Santíssimo, enquanto a Comunidade canta salmos e refrões) —

A. Louvemos ao Senhor que veio nos trazer a Paz.

P. (canta): Quero cantar ao Senhor, sempre, enquanto eu viver. Quero provar seu amor, seu valor e seu poder!

A. Felizes aqueles que anunciam a paz, aqueles praticam o bem.

P. (canta): Eu louvarei (4x) Eu louvarei ao meu Senhor!

A. Louvando ao Senhor, peçamos a Ele que nos dê a sua Paz.

P. Senhor Jesus Cristo, / disseste aos vossos apóstolos: / Eu vos deixo a paz, / eu vos dou a minha paz. / Não olheis os nossos pecados, / mas a fé que anima a vossa Igreja; / dai-lhe, segundo o vosso desejo / a paz e a unidade. / Vós que sois Deus / com o Pai e o Espírito Santo. Amém!

A. Irmãos, a paz do Senhor esteja sempre conosco.

P. O amor de Cristo nos uniu.

A. Saudemos uns aos outros no amor de Cristo. (Abraço da paz).

P. (canta): Paz, paz de Cristo! Paz, paz que vem do amor lhe desejo, irmão. Paz que é felicidade de ver em você, Cristo nosso irmão!

1. Se algum dia na vida você de mim precisar: saiba que sou seu amigo, pode comigo contar.

2. O mundo dá muitas voltas: a gente vai se encontrar. Quero nas voltas da vida, a sua mão apertar.

A. Irmãos, Tomé só acreditou que o Senhor havia voltado, porque viu. Nós, sem ver, temos a certeza de que Ele está aqui no meio de nós. E juntos vamos rezar a oração que Ele nos ensinou:

P. Pai nosso...

MC. Irmãos, Jesus fez muitos sinais diante de seus discípulos, mas o maior deles é o que Ele realiza na Eucaristia.

P. (canta): Quero cantar ao Senhor, sempre, enquanto eu viver. Hei de provar seu amor, seu valor e seu poder!

MC. Eis o Cordeiro de Deus, o Primeiro e o Último, o que vive pelos séculos eternos, e que arranca todo o pecado do mundo.

P. Senhor, eu não sou digno...

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

S. Oremos: Acolhei, ó Deus, as oferendas do vosso povo. Renovados pela profissão de fé e pelo batismo, consigamos a eterna felicidade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(Compete apenas ao sacerdote: No fim):

S. (canta): Tudo isto é Mistério da Fé!

P. (canta): Toda vez que se come deste Pão / toda vez que se bebe deste Vinho / se recorda a Paixão de Jesus Cristo e se fica esperando a sua volta! Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! Vem, Senhor Jesus, vem!

18 CANTO DA COMUNHÃO

1. São muito felizes os que crêem mesmo sem ver / que estás, Senhor Jesus, sob o pão, presente e vivo no meio de nós.

“Eis o meu Corpo, tomai e comei. Eis o meu Sangue, tomai e bebei!”

2. Só tua vitória sobre a morte fez-nos sorrir. / É a alegria de saber: o futuro de nossa vida é viver junto ao Pai.

3. Com esta certeza de teu Reino estar entre nós, / entregamos-te, Senhor, nossa vida a trabalhar na construção da paz.

4. Juntos nesta hora, nós queremos te agradecer, / pois tua vida em nossa vida nos faz Senhor ser sinais de um futuro feliz.

19 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Concede, ó Deus onipotente, que conservemos em nossa vida o sacramento pascal, que recebemos nesta Eucaristia, e nos comprometamos a lutar pela Paz Universal. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse da comunidade):

C. Os apóstolos se escondeiam com medo dos judeus e Jesus lhes trouxe a paz. Muitos de nós, ainda hoje, vivem escondidos com medo do que nos possa acontecer; quando, vivendo o Evangelho, denunciamos as injustiças cometidas contra a criatura humana. Que a PAZ do Senhor Jesus possa existir nos dias de hoje, e que os homens, — neste Ano Internacional da Paz —, possam cantar de alegria, com a certeza de que “o amor vence o ódio; o amor vence a morte; o amor vence as guerras; o amor nos traz a Paz”!

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja com todos vocês.

P. Ele está no meio de nós!

S. Deus, que pela ressurreição do Seu Filho único, vos deu a graça da redenção e vos adotou como filhos, vos conceda a alegria de sua bênção.

P. Amém! Aleluia!

S. Aquele, que, por sua morte, vos deu a terrena liberdade, vos conceda, por sua graça, a herança eterna.

P. Amém! Aleluia!

S. E, vivendo agora retamente, possais no céu unir-vos a Deus, para o qual, pela fé, já ressuscitastes no batismo.

P. Amém! Aleluia!

S. A bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre.

P. Amém!

S. Vamos em paz e Jesus, nossa Paz, sempre nos acompanhe.

P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

LEITURAS PARA A SEMANA:

2^a-feira: Is 7,10-14; 8,10; Hb 10,4-10; Lc 1,26-38 (Anunciação do Senhor). / 3^a-feira: At 4,32-37; Jo 3,7b-15. / 4^a-feira: At 5,17-26; Jo 3,16-21. / 5^a-feira: At 5,27-33; Jo 3,31-36. / 6^a-feira: At 5,34-42; Jo 6,1-5. / Sábado: At 6,1-7; Jo 6,16-21. / Domingo: At 5,27b-32,40b-41; Ap 5,11-14; Jo 21,1-19.

POVÃO PAGANDO INIQUIDADE DOS GRANDES

Todo mundo conhece a história do povo israelita, que se libertou da opressão do Egito e conquistou a Terra Prometida, que "manga leite e mel". Lá se estabeleceram numa organização política familiar, gerida pelas grandes assembleias democráticas. Com o tempo, introduziram a monarquia e apareceram as classes dominantes para explorar o trabalho do povo. Isso era tão contra o Projeto original de Deus que, com o tempo, o país de povo explorado e desmotivado foi invadido pelos estrangeiros, a unidade rachou, o país dividiu-se em dois e grande parte da população foi arrastada para o exílio.

"Os reinos de Israel e de Judá tornaram-se indignos do dom de Deus porque profanaram a terra pelo egoísmo e a prepotência. E o Senhor acusa os responsáveis desta profanação nas palavras do profeta Jeremias: "Eus vos introduzi numa terra suficiente para que saboreáseis os seus frutos e os seus bens; mas vós entrastes e profanastes minha terra e tornastes minha herança abominável" (2,7). Os profetas continuaram ameaçando o egoísmo e a prepotência, com a perda da terra. De fato, o reino do Norte (Israel) caiu no poder dos assírios no ano 722 antes de Cristo e, mais tarde, o reino do Sul (Judá) e a própria Jerusalém foram ocupados violentamente pelos babilônios em 597 antes de Cristo e, definitivamente, em 586.

Jeremias, falando em nome do Senhor, denunciava que a perda da terra e o cativeiro aconteceriam porque todo o povo tinha pe-

cado. Seus contemporâneos não compreenderam a denúncia e o acusaram e persegiram, alegando que ele estava fazendo o jogo do inimigo. O raciocínio do profeta, no entanto, era outro. Para ele, as lideranças de Judá perderiam a terra e seriam deportadas, porque tinham abandonado a Lei de Deus, que propunha uma forma diferente de organização da sociedade para seu povo escolhido.

Jeremias indignou-se contra o afastamento, no meio dos responsáveis do povo, entre a fé em Deus, professada de boca, e a impotência perante a miséria abandonada dos pequenos: "Eles não respeitam o direito dos órfãos... e não defendem a causa dos indigentes" (5,28); "Como podeis dizer: 'Estamos na verdade e a Lei do Senhor está connosco'? Sim, a pena mentirosa do escriba transformou a Lei de Deus em mentira!" (8,8).

A deportação foi a consequência do abandono da Lei de Deus e porque o rei e os líderes se afastaram da linha proposta pelo Senhor, na vida religiosa e moral, bem como na política interna e externa: contrariando as palavras dos profetas, os reis conduziam uma política suicida, coordenando irrealisticamente ligas antibabilônicas, apoiando-se no "caniço rachado" que era o Egito (Is 36,6). Assim, Judá tornou-se vulnerável diante do inimigo. Não foi Deus que provocou esta queda: ele revelou as consequências de uma sociedade podre e de uma má política, den-

tro de um contexto de traição à Aliança de Deus com seu Povo.

Até o exílio na Babilônia, a fé do povo estava estritamente arraigada à terra de Israel. No exílio, principalmente pela profecia de Ezequiel, o povo descobriu que o Senhor é o Deus do universo, dono de todo o mundo, dono da história e dono de todos os povos (cf. Ez 1-3). Prepara-se assim a fé na salvação universal, não ligada a uma terra e a um povo, e que será tão característica do Novo Testamento.

Alguns décennios mais tarde, Deus teve pena de seu povo e as lideranças de Israel puderam voltar à sua terra. Os profetas falaram da reconciliação entre Deus e o povo, significada na volta à terra e na abundância das colheitas (cf. Is 35; 65,16-25; Am 9,13-15). Entretanto, os exilados que voltavam não recuperaram sua independência de nação e tiveram de lutar em vários períodos e sob várias dominações, para conquistar certa autonomia jurídica, cultural e religiosa, alcançada, ao menos em parte, pelos Macabeus. No início de nossa era, a política romana de exploração das províncias provocou, na Palestina, a concentração das terras nas mãos de grandes proprietários. Uma consequência disso foi o empobrecimento maior do povo rural da Galileia e, portanto, sucessivos enfrentamentos e revoltas camponesas, registradas na História. Do meio dos pobres oprimidos, sobe a Deus o clamor, pedindo justiça e redenção". (F.L.T.)

EM TORNO DA LITURGIA

AS ACUSAÇÕES CONTRA A LITURGIA CONCILIAR

A Constituição *O Sacro-Santo Concílio* (SC) foi o primeiro documento conciliar aprovado. Em 1963, faz portanto vinte e poucos anos. Podemos hoje olhar o caminho percorrido e fazer algumas reflexões.

A Constituição SC estabeleceu alguns princípios fundamentais para a renovação litúrgica em todos os aspectos da Liturgia, a começar do ponto mais alto da Liturgia que é a celebração da S. Missa. Um destes princípios é fazer mais transparente a ação litúrgica, despojando-a de elementos históricos, de origens diversas, incorporados, sem critérios claros, à Liturgia de Roma e de Roma espalhados pelo mundo inteiro.

A S. Missa tornou-se uma colcha de retalhos desiguais e, em certos momentos, uma penosa repetição. Lembro aqui um rito da S. Missa solene: o diácono cantava em latim o trecho do Evangelho, ao mesmo tempo que o celebrante devia lê-lo silenciosamente; depois o pregador, do púlpito, lia o mesmo trecho, agora em português, para o Povo entender.

Olhando o longo caminho percorrido pela Igreja no campo da Liturgia, devemos dizer que foram dados passos gigantescos, mas com muita prudência, com muita reflexão, com muito estudo e, sem dúvida nenhuma, com muita oração. Como julgaremos os resultados deste generoso esforço? Que frutos terá produzido a Liturgia no Povo de

Nos próximos números vamos apresentar umas objeções que foram e ainda são feitas contra a renovação litúrgica. Das objeções conseguiremos descobrir os frutos positivos da Constituição SC e da renovação litúrgica inspirada no Concílio Vaticano II. (A.H.)

NOTÍCIAS DO POVO DE DEUS BRASILEIRO

O *Jornal do Brasil* (19-1-1986) noticiou sobre um *Programa Materno-Infantil*, que o INAMPS de Recife está desenvolvendo com crianças de até cinco anos de idade, classificadas então, eufemisticamente, de "nascidos com alto risco social e médico". O programa, conforme a reportagem, nasceu com base em pesquisa que durou 19 anos — de 1966 a 1985 — e estudou 33 mil casos de crianças nascidas em diferentes níveis socioeconômicos no Recife. Os resultados permitiram um diagnóstico da realidade local: enquanto os mais abastados geram filhos com medidas comparadas aos padrões canadenses, os mais pobres dão vida a crianças com peso e estaturas cada vez menores, estando próximos aos pigmeus africanos.

Os resultados, conforme a reportagem, começam a aparecer. Em 2796 crianças assistidas, apenas três morreram no ano de 1985. Também no ano passado, apenas 162 crianças necessitaram de algum tipo de internação. Nos sete primeiros dias deste ano, nasceram 49 crianças na maternidade Agamenon Magalhães, sendo registrados apenas dois óbitos. Motivo: baixo peso. Um recém-nascido pesava 1,5 kg e outro apenas 850 gramas. O médico Mervaldo Zizmann acha que as crianças de baixo peso (*olha outro eufemismo aí!*) se constituem numa sobrecarga humana, social, afetiva, familiar e nacional, pois serão mais propícias a adoecerem e apresentarão — na grande maioria dos casos — um déficit mental.

Eufemismo, colega, significa disfarce. É a realidade crua fotografada em tecnicolor. O *Jornal Nacional* da televisão, por exemplo, é um eufemismo cotidiano: passa-nos um Brasil sorridente, de povo feliz, aquela ilha de tranquilidade em meio ao mundo tempestuoso; um país onde o povo passa do futebol ao carnaval, da cachaça à praia e à corrida de automóveis. Dizem que o Pres. Médici gostava de ver, todos os dias o *Jornal Nacional*, para sentir como o Brasil ia bem! Quando os doutores falam em "nascidos com alto risco social e médico", o que está por

trás do eufemismo é fome, miséria, iniquidade social, disfarçada em belas expressões. A desnutrição, lembra o *Jornal do Brasil*, deixa marcas que não são apagadas rapidamente. Mesmo com tratamento e acompanhamento até os primeiros cinco anos de vida, as crianças geradas e nascidas em condições socioeconômicas desfavoráveis adquirem deficiências incuráveis e nunca chegam à recuperação total, apesar de todos os programas especiais. É o caso de Rafael, nascido com dois quilos de peso. Foi amamentado até os três meses, quando iniciou o acompanhamento médico no programa. Hoje pesa 12 quilos e mede 90 centímetros, medidas consideradas normais dentro do padrão brasileiro. Mas tem um problema, conforme a mãe: "Ele cai muito, quando anda ou corre". A médica Cecília Teixeira explica que uma das sequelas da subnutrição é o raquitismo, causa das quedas constantes de Rafael. E não é para menos: elas nascem menores que os pigmeus africanos, que pesam ao nascer 2,7 kg.

O mesmo *Jornal do Brasil*, no Informe JB, alude a um levantamento da realidade brasileira, feito pelo Instituto de Estudos Pátricos e Sociais — IEPES — sob a direção do cientista político Hélio Jaguaribe. O levantamento chegou à seguinte descoberta: Estão em situação de miséria absoluta ou de extrema pobreza mais de 64% dos brasileiros. Pelas contas do IEPES, a miséria absoluta atinge um terço das famílias brasileiras, enquanto um quarto vive em extrema pobreza. Olha mais eufemismo aí, leitor! Segundo Jaguaribe, a distância entre as grandes massas e as camadas médias e ricas ficou tão grande no Brasil, que põe em risco a própria unidade nacional.

A reportagem leva a algumas conclusões: a morte de nossas crianças não é produzida por leis irreversíveis da natureza. Mudando as condições socioeconômicas, as crianças param de morrer. Isso é grave: estamos mortos num esquema, produzido, mantido e tolerado por nós, que é assassino. (F.L.T.)